



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2021

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

Time: 2 hours

70 marks

PLEASE READ THE FOLLOWING INSTRUCTIONS CAREFULLY

1. This question paper consists of 12 pages. Please check that your question paper is complete.
 2. Answer ALL questions in the Answer Book.
 3. Number your answers exactly as the questions are numbered.
 4. Start each section on a new page.
 5. It is in your own interest to write legibly and to present your work neatly.
-

Responda apenas a **duas** perguntas: um ensaio e uma pergunta direcionada.

SECÇÃO A ROMANCE / NOVEL

O último voo do flamingo, Mia Couto

PERGUNTA 1

No prefácio, o narrador conta-nos logo que, algum tempo depois de acabada a guerra civil em Moçambique, alguns soldados da ONU explodiram. "Simplesmente, começaram a explodir. Hoje, um. Amanhã, mais outro. Até somarem, todos descontados, a quantia de cinco falecidos". (P. 10)

Nu e cru, eis o facto: apareceu um pénis decepado, em plena estrada nacional, à entrada da vila de Tizangara. [...] Na nossa vila, acontecimento era coisa que nunca sucedia. Em Tizangara só os factos são sobrenaturais. (P. 17)

O responsável da ONU parecia um dragão flamejando pelas narinas. Olhou o firmamento como se suplicasse compreensão divina. Chamou Massimo Risi e deu-lhe as rápidas e derradeiras instruções. (P. 33)

O último voo do flamingo

- 1.1 A intriga de *O último voo do flamingo* opõe claramente dois planos. Indique e justifique esses planos. (4)
- 1.2 À luz da trama, o que representam as explosões? (6)
- 1.3 Explique a expressividade, o sentido conotativo, do nome da vila, Tizangara, em que decorrem as explosões. (6)
- 1.4 Massimo Risi é o inspetor das Nações Unidas enviado para investigar as explosões. O nome desse representante da ONU é uma ironia. Explique porquê. (5)
- 1.5
 - 1.5.1 Nota-se de imediato um contraste entre a mentalidade de Massimo e a dos habitantes da vila. Justifique esta afirmação. (7)
 - 1.5.2 Ao longo do romance, Massimo sofre um processo de africanização. Elabore sobre esse processo, o que o causa, e indique quando é que ele se faz mais notar. (7)

[35]

OU

PERGUNTA 2

O fim da obra é ambíguo: tanto aponta para a esperança, como se pode considerar um sinal de desesperança.

A partir da afirmação, elabore sobre o significado esperança versus desesperança.

[35]**35 marks**

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO / DRAMA***Deus lhe pague, Joracy Camargo*****PERGUNTA 3**

Recorde a peça de teatro que estudou durante o ano e responda às perguntas.

Porta principal e monumental de uma velha igreja. Ao subir o pano, entram na igreja, uma senhora de luto, tranquilamente. Logo depois, um senhor, também sereno, e, finalmente, uma jovem, agítadíssima, olhando para os lados. Passados dois ou três segundos, entra um MENDIGO de 50 anos, barbas e cabelos compridos, olhar sereno, expressões messiânicas, em suma, uma cabeça que despertaria a atenção dos pintores retratistas; chapéu de feltro, velho e esburacado, sem fita, em forma de saco; casaco esfarrapado, bem amplo, com os enormes bolsos cheios, volumosos; calças também remendadas; botas velhas, deixando ver alguns dedos sem meias. Traz um pau tosco, que lhe serve de bengala, e um maço de jornais amarrotados. Vem andando com desembaraço. Ao avistar um rapaz que entra em sentido contrário, simula, instantaneamente e com muita prática, um grande abatimento, uma expressão de angustioso sofrimento, apoiando-se na bengala, procura sentar-se a custo sobre os jornais que atira ao primeiro degrau da escada, ao mesmo tempo que retira o chapéu e o estende ao rapaz. Este, maquinalmente, sem olhar, atira uma moeda, que o MENDIGO apanha com o chapéu, tão habilmente como um pelotário apanharia uma bola na cesta ... o rapaz entra na igreja, enquanto o MENDIGO diz, sem dar grande importância ao esmoler:

MENDIGO: Deus lhe pague ... *(Olha para dentro da igreja e para os lados, para então ajeitar melhor os jornais, a 'bengala» e o chapéu, tomando posição cómoda e definitiva para o «trabalho» ... Em seguida, entra outro mendigo - mesmos farrapos, mesma idade, mas de aparência pior, porque revela um grande abatimento físico. É mesmo esquelético e faminto. O MENDIGO, distraidamente, à passagem do OUTRO, estende-lhe o chapéu).* Ah! *(Risonho).* Desculpe ... Não tinha reparado que o senhor é colega ...

OUTRO: Ainda não fiz nada hoje, velhinho. Tenho cigarros. Aceita um?

MENDIGO: São bons?

OUTRO: Hoje, até as pontas que consegui apanhar são cigarros ordinários! *(Tira do bolso uma latinha cheia de pontas de cigarros, abre-a e oferece).*

MENDIGO: Muito obrigado. Não fumo cigarros ordinários. Quer um charuto? *(Tira-o do bolso).*

OUTRO: *(Aceitando, espantado).* Olá!

MENDIGO: É Havana! Tenho muitos! Custam 10\$000 cada um.

OUTRO: Aceito, porque nunca tive jeito para roubar ...

MENDIGO: Nem eu.

OUTRO: Não foram roubados?

MENDIGO: Foram comprados. Ainda não sou ladrão ...
[...]

MENDIGO: Foi. Abandonei a sociedade e resolvi pedir-lhe o que me pertence. Exigir é impertinência; pedir é um direito universalmente reconhecido. Dá prazer a quem se pede, não causa inveja. O senhor já reparou que ninguém é contra o mendigo? Porque será? Porque o mendigo é o homem que desistiu de lutar contra os outros.

OUTRO: Os homens não precisam de nós...

MENDIGO: Precisam, senhor ... Como é o seu nome?

OUTRO: Barata...

MENDIGO: Precisam, mas não dependem; e é por isso que nos olham com ternura.

OUTRO: Ora! Quem é que precisa dum mendigo?

MENDIGO: Todos! Eles precisam muito mais de nós, do que nós deles. O mendigo é, neste momento, uma necessidade social. Quando eles dizem: «Quem dá aos pobres, empresta a Deus», confessam que não dão aos pobres, mas emprestam a Deus ... Não há generosidade na esmola; há interesse. Os pecadores dão para aliviar os seus pecados; os sofredores, para merecer as graças de Deus.

(Texto com supressões)

Pelotário: pessoa que joga pelota, um jogo com uma bola pequena

3.1 À luz da trama da peça de teatro, explique e justifique as expressões a seguir:

«Vem andando com desembaraço. Ao avistar um rapaz que entra em sentido contrário, simula, instantaneamente e com muita prática, um grande abatimento, uma expressão de angustioso sofrimento, apoiando-se na bengala, procura sentar-se a custo sobre os jornais que atira ao primeiro degrau da escada.» «... enquanto o MENDIGO diz, sem dar grande importância ao esmolar:»

(8)

3.2 Normalmente, os mendigos, pessoas cheias de necessidades, aceitam o que não podem comprar, mesmo que sujas e tenham sido usadas por outras pessoas. Explique por que razão o MENDIGO não aceita as beatas de cigarros que o OUTRO lhe oferece.

(5)

- 3.3 Justifique a admiração do OUTRO perante a resposta do MENDIGO nas falas que se seguem:

MENDIGO: Muito obrigado. Não fumo cigarros ordinários. Quer um charuto? (*Tira-o do bolso*).

OUTRO: (*Aceitando, espantado*). Olá! (8)

- 3.4 **MENDIGO:** [...] Precisam, senhor ...

Como explica a personagem central da peça que «O mendigo [seja], neste momento, uma necessidade social.»? (7)

- 3.5 Concorda com o pensamento manifestado pelo MENDIGO? Diga-nos qual é o seu ponto de vista. (7)

[35]

OU

PERGUNTA 4

Relembre a peça de teatro *Deus lhe Pague*, medite sobre as afirmações que se seguem, e elabore um ensaio coerente e bem estruturado:

Discuta a duplicidade da esmola, bem como a da figura do mendigo. No contexto da peça de teatro, será o mendigo uma necessidade social? De acordo com o pensamento do Mendigo, dar esmola é fazer o bem?

[35]

35 marks

SECÇÃO C CONTO / SHORT STORY**«Nevoeiro na Cidade» de Mário Dionísio****PERGUNTA 5**

- 5.1 Discuta se o pano de fundo em que decorre a trama do conto é a favor ou contra a personagem. Deve lembrar-se e examinar o tempo histórico em que decorre a intriga. (5)
- 5.2 O homem, personagem principal do conto, não tem nome. Será importante? O que representa ele? (5)
- 5.3 A palavra nevoeiro é usada tanto em sentido denotativo como conotativo. Assinale, nas frases que se seguem, quais em que a palavra nevoeiro se refere ao fator tempo, e quais em que é empregue conotativamente. Justifique as suas respostas.
- 5.3.1 Nevoeiro na cidade. (3)
- 5.3.2 Não esquecer um minuto a Luísa, o Edmundo, os outros todos. Sentilos à sua volta, atravessando o nevoeiro, ponto-lhe a mão no ombro. (3)
- 5.3.3 Em janeiro, às seis horas é noite fechada na cidade. Com aquele nevoeiro escurecia muito mais depressa. (3)
- 5.3.4 Aos cinquenta e três anos, só porque a Luísa lhe faltava, iam dizer dele o que sempre dissera dos outros, porque podia dizê-lo? Solidão, pensou, extenuado. Nevoeiro, isolamento, solidão. (3)
- 5.3.5 Indiferente ao nevoeiro, o ponteiro voltou a dar um pula. (3)
- 5.4 «De repente, retesou-se todo, à escuta. Saltou para o chão. Estava sempre a confundir os ruídos do andar de baixo com possíveis passos na escada. Tinha sempre a certeza. resolvia abrir a porta com naturalidade para despistar quem subia, enfiar pela escada abaixo a correr, sem dar tempo a verem que era ele que decia, escapar-se. E era sempre afinal alguém para outro andar.»
- Quem pensava o homem que era? No excerto acima constata-se dois sentimentos. Identifique-os e justifique-os em relação ao homem. (5)
- 5.5 «Ele próprio explicara um dia ao Edmundo (e à Luísa) que não eram mais que parafusos duma máquina enorme. Um parafuso. Aí estás o que tu és, o que tens de ser, o que deves querer ser.» Explique o simbolismo de 'máquina enorme' e 'parafuso'. (5)

[35]**OU**

PERGUNTA 6

Elabore a descrição do tempo histórico que é o pano de fundo do conto.

[35]

35 marks

SECÇÃO D POESIA / POETRY**PERGUNTA 7**

«Aniversário» de Álvaro de Campos

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,
O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino.
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a humidade no corredor do fim da casa,
Pondo grelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa.
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

Tendo em atenção a oposição entre a infância e o presente do eu poético, efetue o comentário bem articulado da temática da composição poética.

[35]

OU

PERGUNTA 8

"Cântico Negro", de José Régio

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...
A minha glória é esta:
Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre à minha mãe
Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós responde
Por que me repetis: "vem por aqui!"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...
Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.
Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...
Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura !
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui"!

A minha vida é um vendaval que se soltou,
 É uma onda que se levantou,
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 Sei que não vou por aí!

- 8.1 O título é claramente composto por duas partes: cântico e negro. Dê uma possível explicação para esta dualidade. (5)
- 8.2 Transcreva a expressão que expressa o convite que fazem ao eu poético, a proposta persuasiva e aliciante que lhe fazem. (2)
- 8.3 Transcreva o verso ou a expressão que mostra que os 'outros' estão convencidos de que o eu poético os seguirá. (2)
- 8.4 O que pretendem os outros com este convite? (3)
- 8.5 E cruzo os braços e nunca vou por aí. Escreva duas palavras ou expressões que indiquem que este verso conota e (3)
- 8.6 Transcreva os 3 versos que manifestam que o eu tem consciência das dificuldades que encontrará na vida por se negar a seguir os 'outros'. (3)
- 8.7 Explique qual é a intenção do eu poético ao compor este poema. (4)
- 8.8 Explique o significado dos versos seguintes:
- Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar florestas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!* (3)
- 8.9 O poema é formado por estrofes irregulares e versos igualmente irregulares e livres. Haverá alguma intenção oculta com a escolha das estâncias e deste tipo de versos? (4)
- 8.10 Preencha o quadro seguinte com os versos ou expressões que estabelecem o contraste entre a maneira de ser e de encarar a vida do *eu* e do *vós*:

EU	VÓS
1.	1.
2.	2.
3.	3.

(6)
 [35]

35 marks

Total: 70 marks